
P^olítica



1 9 3 0

Ano II

N.º 12

REDACTORES { *F. P. Dutra Faria* (F. L. U. L.) } por
 { *Domingos Mascarenhas e Silva* (F. D. U. L.) } Lisboa
 { *J. M. Miranda da Rocha* (F. D. U. C.) } por Coimbra

ADMINISTRADORES { *Valentino de Sá* (F. M. U. L.) }
 { *Francisco Galvão* (F. D. U. M.) }

EDITOR — *Antonio de Souza Rego*

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.^a (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol a Santa Catarina, 40-A, 1.º

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lusitania — Rua do Sol a Santa Catarina, 40 — LISBOA

SUMARIO

do Passado no Presente	<i>Francisco da CUNHA LEÃO</i>
à margem dum Livro	<i>Leão RAMOS ASCENSÃO</i>
Considerações	<i>Francisco DE PAULA</i>
Lições de St.º Tomaz	<i>António do AMARAL PIRRAIT</i>
Unamuno.	<i>Dutra FARIA</i>
Transcrições	
nota politica internacional	<i>Antonio de SOUZA REGO</i>
politica académica	
de arte	<i>Dutra FARIA</i>
de letras	<i>Francisco DE PAULA</i>
ao ritmo da Ampulheta	
Integralismo Lusitano	

ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Continente e ilhas	10\$00
Provincias Ultramarinas	15\$00
Estrangeiro.	20\$00

Numero avulso 1\$50

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Política

REVISTA QUINZENAL

ORGÃO DAS JUNTAS ESCOLARES DE LISBOA, COIMBRA E PORTO
DO INTEGRALISMO LUSITANO

Redactor principal — Antonio do Amaral Pyrrait (F. S. U. L.)

Lisboa, 15 de Maio de 1930

do Passado no Presente

E' necessário distinguir o nosso tradicionalismo duma espécie de culto da tradição muito em voga nos tempos românticos que se comprazia em contemplar ruínas de castelos desmornados e em percorrer melancolicamente, a horas mortas, de chapeu na mão, tortuosas ruas de velhos burgos esquecidos.

O culto saudosista da Tradição não satisfaz as inteligências dos contra-revolucionários do século XX.

O tradicionalismo integralista é um tradicionalismo vivo. Não se reduz a um mero culto sentimental do Passado.

Porta-vozes duma nova ordem social, pretendemos sobretudo construir.

O nosso Tradicionalismo consiste em nos utilizarmos das lições da História tão rica de ensinamentos e em preconizarmos a substituição do individualismo democrático dissociador e revolucionário pelo natural desenvolvimento das actividades reais organizadas.

O tradicionalismo dos contra-revolucionários modernos é portanto, embora a poesia por vezes o acompanhe, uma conclusão da inteligência e um sentimento forte que leva fatalmente a agir.

A expressão que melhor o define é a de *Tradicionalismo dinâmico* e vindo do Passado encerra o germen do Futuro.

Tôda a ciência positiva lança mão dos dados da experiência para estabelecimento de suas leis e aplicação delas.

A Política como ciência prática não pode desprezar os factos.

Da crítica deles, relacionada com as causas e os efeitos, surgem lições que se não devem de modo nenhum perder, mormente quando se trata, como agora, de reformar uma sociedade cuja constituição é de manifesta deficiência provada pelo engrossamento constante das fileiras extremas quer da Direita como da Esquerda — que são fileiras também de descontentes da Democracia.

Mas, enquanto os reformadores ditos da esquerda, ainda presos

POLITICA

a certos principios perigosos, *socialicidas*, da Revolução Francesa, se obstinam em realizar uma utópica egualdade contra a Natureza e contra a História vendo erradamente no desenvolvimento social não o producto do homem *como elle é*, mas um desvio, um crime contra os seus metafísicos direitos, confundindo a igualdade metafísica com a desigualdade terrestre, nós, os reformadores da extrema direita, vemos na formação das sociedades a procura, a tendência do homem a formar os quadros a que melhor se adapta a sua natureza, e na desigualdade a resultante incorrigível da desigualdade natural e a *maneira humana de especialização e progresso absoluto*.

Portanto a História não é uma mentira.

Se muitas páginas de sangue e de mal-estar ela contém, devidas aos erros e às ambições dos homens, ela assenta num fundo de verdade, de coerência com a natureza do homem, mais difícil de prever mas de tanta realidade como o da história natural.

Fica assim constituindo o vasto campo de observação das sciências sociais e os seus traços têm de ser inteligentemente observados na gênese e na ramificação complexa dos seus resultados.

O presente aparece-nos assim quasi sempre como uma projecção de factos passados.

Embora as condições variem nada se nos apresenta totalmente liberto de influências anteriores.

Velhos troncos continuamente se ramificam, diferenciados no Espaço, crescidos e transformados no Tempo.

Aparece-nos assim o desenvolvimento social harmonioso e continuo, mergulhado por fundas raizes nas remotas entranhas da História.

Naturalmente se foram formando as sociedades e as civilizações diferenciadas no convívio secular de Terras diferentes e por fortes especializações colectivas.

Iam-se formando agregados naturais de cujo seio como resultantes concretas saíam reis e juristas, guerreiros e poetas — racionalizadores e intérpretes das tendências e dos sentimentos da grei — cérebro e coração do organismo constituinte.

Assim num dado momento aparecem-nos as nações com um conjunto de tendências naturais e vocações espirituais, com um *modo de ser próprio* — unidas a Terra e a Gente num corpo indivisível.

Suprimi-las seria ir contra a Natureza, seria aniquilar belos resultados que a diferenciação produz em todos os ramos da actividade, *seria mesmo impossivel*.

E a Anarquia constataria com os factos o sentido depreciativo em que a palavra é proferida...

A' beira-mar em luta pela Fé e pela Terra se formou Portugal. Da natureza orgânica, por isso accumuladora e dinâmica, das Famílias e dos Municipios, do Clero, da Nobreza e do Povo, brotaram tôdas

essas magnificas expressões pessoais da Raça cujos feitos e virtudes ainda hoje nos deslumbram.

Podemos comparar a Tradição a um rio :

Por concorrência de vertentes vai-se formando o caudal que cava o seu leito, mercê das aguas acumuladas.

Se taparmos a trajectória natural as aguas dispersam-se, perdem-se, e a força da corrente inutiliza-se, fragmentada contra obstáculos sem número.

O liberalismo barrou a trajectória natural da sociedade portugueza. Dissociou os órgãos nacionais que num trabalho lento e continuo elaboravam energias.

Debilitou a actividade orgânica promovendo a dispersão atómica do homem em que, solto dos laços sociais que o moderavam e tornavam productivo, depressa se manifestou o predominio do individuo com todas as más manifestações de instintos e tendências contraditórias libertadas numa imolação pagã do Equilibrio e da Unidade. Daí o Capitalismo, a Dissolubilidade Conjugal, a Demagogia — feixes de maus instintos e de más tendências corporizadas.

A corrente desfez-se e a agua que a compunha perde-se, indo formar charcos estagnados e dispersos.

O que se deu no campo social e politico depressa se fez sentir nas manifestações da Inteligência e da sensibilidade a ponto do génio no século XIX passar a conceber-se como desordem mental, constituindo assim um objecto da Patologia.

Urge restaurar a maneira de ser portugueza, destruir o dique oposto pela Democracia à tradição, canalizar os materiais dispersos ao verdadeiro curso.

Que a Inteligência ao lado da Natureza aprenda nas suas lições a maneira de ordenar de novo !

Somos tradicionalistas porque preferimos à arquitetura aérea de metafisicos sistemas e às concepções abstractas de certos ideólogos a continuidade natural das sociedades secularmente formadas no contacto da Terra e na prática da Fé.

Esta é a tradição dinâmica, coordenadora, acumuladora e creadora de energias, garantia da Ordem e realizadora da Verdade.

E se me preguntarem se existe uma unidade superior à das nações — oceano em que os rios devem desaguar — responderei afirmativamente.

E' a finalidade comum dos homens e das nações concorrendo em Deus, principio de harmonia, razão de ser do equilibrio entre os homens e as nações.

E assim como na ordem moral a tendência para a harmonia se realiza por submissão do *individuo à pessoa* na Ordem Social, sua coordenada, a mesma attitude preconizamos em nome da Inteligência.

Francisco da CUNHA LEÃO

à margem dum Livro

UM ROMANTICO ESQUECIDO

A figura interessante e injustamente esquecida de António Ribeiro Saraiva ressurgiu a nossos olhos, aureolada de simpatia. Sardinha encara-o sob três aspectos: o homem, o político e o poeta. Considerando-o um tipo representativo do romantismo português, que distingue com boas razões do deletério romantismo francês, António Sardinha retoma o seu tema predilecto da sensibilidade portuguesa e do nosso lirismo natural. Se, na verdade, a concepção do amor que ressalta do «Amadis» e da «Diana» de Montemór, exerceu tão grande influência na Europa, quer pela tradução francesa daquele por Des Essarts, quer pela *Astrée* de Honoré d'Urfé e pelo sensibilismo de Rousseau, donde depois derivaram todos os desregramentos sentimentais do romantismo, não se pode dizer, no entanto, que essa tara doentia exista no nosso lirismo, que de forma nenhuma nos inutilizou para a acção das conquistas e dos descobrimentos. Com efeito, o amor que os nossos poetas cantam é um amor casto e fiel, é uma tradução da honra, e a exaltação da mulher não representa mais do que a realidade social portuguesa, visto que a mulher se deu um grande papel na nossa instituição familiar, como se prova pelo característico regime português da comunhão de bens. Isto é, os franceses e *tutti quanti* não souberam interpretar o nosso lirismo, pleno de humanidade, nem a nossa sensibilidade ternamente emotiva, mas não efeminada. E' o que António Sardinha exprime numa frase felicíssima: «Assentemos que o lirismo para nós é alma, enquanto para os outros é imaginação, — e o problema fica inteiramente esclarecido, desde a génese longínqua do Amadis até ao aborocer do Romanceiro com Garrett».

Ribeiro Saraiva, na sua paixão veemente e portuguesa por Catarina Sherson, é assim, sincero, humano e natural, refletido e honesto. Estava em Londres como agente de D. Miguel I. A queda do Rei legítimo, por virtude da coligação estrangeira contra Portugal, lançou Ribeiro Saraiva na mais desesperada situação económica, pois viu-se obrigado a fazer-se negociante de vinhos para viver. A família da «sua querida Catarina» opoz-se então ao casamento, que já não oferecia vantagens. E Ribeiro Saraiva, embora sangrando de dor, resignou-se heroicamente, não aceitando o govêrno intruso de Portugal e recusando-se até a voltar ao Reino, onde seria «um emigrado perpétuo». Desfez-se o seu sonho de amor, mas manteve-se na sua dignidade de

homem honrado e cristão, de cujo «Diário» se vê quão grande era a sua alma.

O político tinha uma visão admirável das coisas portuguesas, como o provou nas suas conferências com Metternich e o Ministro dos Estrangeiros da Inglaterra. Quando este uma vez o interpelou sobre a situação de Portugal, Saraiva respondeu com o sentido perfeito da verdade politica portugêsa. Para êle, a legitimidade não era só o direito de D. Miguel ao trono português; era mais do que isso, porque era o verdadeiro direito constitucional português, o que êle chamava «verdadeiros contratos sociais». Em comunhão com El-Rei D. Miguel, Saraiva repudiava o absolutismo, explicando que os legitimistas queriam restabelecer «a bela organização da nossa admirável Constituição antiga, libertada das formas absolutas e heterogêneas» introduzidas pela ditadura pombalina. Assim a nacionalidade reagia contra os dois absolutismos, que são, como diz A. Sardinha, *o absolutismo monárquico, enzertado por Pombal na árvore da nossa realza tradicional, e o absolutismo parlamentar, importado de França com a aragem nefasta da Revolução»*.

O poeta, finalmente, considera-o António Sardinha, citando a propósito vários trechos, «precursor do regionalismo em Portugal». Há, de facto, na sua obra, cheia de lirismo, de inspiração tradicional, de evocações locais, uma espontaneidade e uma fragrância regionalista que lhe dão direito a um lugar de destaque nas nossas letras.

Sendo o romantismo português como Garrett sobretudo o exprimiu, uma tentativa de regresso às nossas tradições, ninguém o compreendeu melhor que Saraiva, que foi um romântico na sua vida, um tradicionalista consciente — isto é, católico e realista, — e um poeta que nos costumes tradicionais da sua terra encontrou belos motivos de inspiração.

E para esclarecer melhor o pensamento exposto sobre o romantismo português, deve dizer-se que entre nós a verdadeira tempestade sentimental só aparece com o ultra-romantismo.

O SÉCULO XVII

Quem não teve a felicidade de lêr na revista *Lusitânia* êste retumbante ensaio de António Sardinha, pode lê-lo agora no livro que estamos analisando. Pretendeu retratá-lo o sr. António Sérgio, publicando na *Seara Nova*, depois do falecimento de Sardinha, um artigo miserável que Manuel Múrias autopsiou energicamente na *Nação Portuguesa*, demonstrando à sociedade que Sérgio tinha deturpado e mutilado os textos dos autores que citara, violentando-lhes o sentido (como é de seu hábito de trapalhão intelectual) e, depois dos trechos mutilados, insinuando infamemente que António Sardinha, falecido, tinha procedido menos honestamente nas suas citações.

Pretende António Sardinha reabilitar o século XVII das calúnias com que o tem abocanhado o facciosismo jacobino, filiando essas calúnias no livro-mestre da calúnia que é a «Dedução cronológica-analítica.»

É o século do esforço heroico da Restauração. É extraordinário o valor político, militar, intelectual dos homens que a consolidaram, através de dificuldades sem número. E quem eram esses generais e políticos que assim se improvisaram? A maior parte deles, homens educados pela Companhia de Jesus. E a «campanha intelectual» da Restauração por quem foi movida? Também por antigos discípulos dos jesuítas que estes tinham precedido, ainda em pleno domínio castelhano, dando consistência doutrínaria às nossas aspirações de independência. O sr. dr. Cabral de Moncada, numa conferência notável, definira 1640 como a «restauração do pensamento político português». Ora este pensamento não estava de modo algum de harmonia com o pensamento coevo. Era o período do absolutismo, quando o livro *De legibus*, de Suarez, era queimado pelo carrasco em Paris, por atingir o direito divino dos reis. Em Portugal ensinava-se e cultivava-se com grande vigor intelectual, que só por si honra este século, o molinismo e o suarismo. E estas doutrinas de *liberdade* foram depois defendidas, espalhadas por toda a Europa, numa profusão e numa afirmação doutrínaria que se impuseram. Generais, diplomatas, filósofos, doutrinaadores... Grande século e grandes educadores que eram os jesuítas, para poderem provocar um movimento tão pujante!

É o século XVII também o «século da prosa portuguesa». Os grandes mestres da língua são deste século. Foram eles que lhe deram maleabilidade e brilho, elegância e qualidades literárias, fixando a língua definitivamente.

E a acção dos nossos missionários, também jesuítas na sua maioria? Trazendo os povos indígenas à civilização e à fé, fazendo ao mesmo tempo rasgada obra nacional, não deixaram os missionários, pela própria necessidade da sua acção, de estudar a língua desses povos, fazendo trabalhos notáveis sobre as línguas indígenas, «preparando com recuada antecipação o caminho à filologia comparada.»

Mas há um aspecto no século XVII que não é demais salientar-se: é o que se refere ao movimento filosófico que nunca em Portugal foi tão intenso e tão brilhante. O molinismo, que defendia ardentemente o livre arbítrio contra as doutrinas protestantes da predestinação, e o suarismo, forma notável do tomismo, importante sobretudo nos aspectos jurídico e político, tiveram o seu foco mais luminoso em Portugal com a chamada «escola coimbrã» e os mestres de Évora. Já Menendez y Pelayo o tinha salientado. Só preconceitos filosóficos e... a ignorância do latim é que podem impedir que se preste a este ramo da história da filosofia a justiça merecida. Molina foi professor da Universidade de Évora; Suarez da de Coimbra. E é Pedro da Fonseca, e é Frei João de S. Tomás, e é Baltasar Teles, e

são Manuel de Gois e Sebastião do Couto, autores do «Curso de Artes», publicado pelo Colégio Conimbricense, que «serviu de texto de ensino a toda a Europa culta». Foi esta admirável «escola coimbrã» que veio a desaparecer com a reforma pombalina. E Manuel Murias bem pode perguntar na sua obra *O Seiscentismo em Portugal*: «Que lucrou a história do pensamento português com isso? Que obra notável derivou da reforma tão gabada de Pombal?...»

Outro jesuita, o Padre Manuel Alvarez, faz a célebre gramática latina que serve de compêndio a toda a Europa durante séculos.

Frei Serafim de Freitas rebate Grócio triunfantemente no seu *De justo imperio lusitanorum aitratico* que hoje todos podemos conhecer, graças ao trabalho meritório do sr. Dr. Marcelo Caetano.

Todo este grande esforço, as qualidades reveladas por esta elite magnífica, bastam para demonstrar a superioridade do ensino jesuítico, hoje, de resto, reabilitado por insignes pedagogos. Aos jesuítas se deve o que hoje chamamos o ensino secundário, foram eles que souberam tirar do ensino das humanidades o maior proveito. A sua paixão desinteressada pelo ensino era tal que os seus colégios se multiplicavam por todo o país, ensinando gratuitamente, e com uma afluência extraordinária. Isto em pleno obscurantismo! Em face de todos estes elementos, Sardinha pode afirmar com segurança: «*E' o século em que, proporcionalmente, a cultura geral se acha difundida com maior largueza e penetração*».

Jesuita era o Padre António Vieira, diplomata e orador extraordinário, também deste século.

E' vér a teoria dos obreiros da Restauração, cujo valor explica o assombroso milagre da reconstrução duma Pátria arruinada, depois de 60 anos de domínio estrangeiro: militares como Salvador Correia de Sá, o Marquês de Marialva, D. Sancho Manuel e Matias de Albuquerque, políticos como Francisco de Sousa Coutinho, Andrade Leitão, João Rodrigues Sá e António de Sousa de Macedo, economistas como Manuel Severim de Faria e Duarte Ribeiro de Macedo.

A par da energia absorvente que a guerra com Castela e a defesa das colónias exigiam, constrói-se largamente, levantam-se fortalezas e edificios, consoante a necessidade do serviço público. Nada se descursa!

E o Sebastianismo?! Mas o Sebastianismo foi um dos grandes factores da nossa independência, seja qual for a sua origem, e era mais o messianismo da esperança da ressurreição duma Pátria do que propriamente o messianismo pessoal da crença no regresso de D. Sebastião. Desmentindo vigorosamente a origem hebraica do Sebastianismo, António Sardinha vê nele a corporização dum ideal colectivo de exaltação nacionalista, inacessível a qualquer depressão de ânimo.

O valor prático do Sebastianismo afere-se bem por uma passagem de D. Francisco Manuel de Melo, quando diz que «a proporção dos

CONSIDERAÇÕES

NA inquietação e na incerteza da hora grave que passa — hora entre todas de ameaça para o futuro — só raros se podem dizer no conhecimento do rumo a tomar, no segredo dos meandros sem número do caminho a seguir. Os outros encorporam-se na caravana, caminham, embora a custo, mas vão cegos pela areia que o vento não cessa de lhes lançar ao rosto. Um desejo enorme de chegar, de repousar, os toma então. Sedu-los o imediato — illusória miragem. Ao que se lhes afigura o real não hesitam em sacrificar o ideal.

Ao que é transitório imolam o eterno. E naturalmente, irresistivelmente — porque demanda heroísmo a luta contra os tempos que correm — são levados aos excessos dum pragmatismo deplorável, reflexo último do materialismo agonisante dum século que não só quiz banir a Cruz dos altares da Cristandade como também pretendeu afastar Deus do coração dos homens.

Contra tal estado de coisas se ergue o protesto de Julien Benda — em nome da Inteligência menosprezada. E certos livros de Benda não devem deixar de figurar na bibliotéca do contra-revolucionário.

Eu dele apenas conhecia *Belphegor*. — *nous pourrions nous plaire à ce qui s'y décèle de classique, de français et d'humain* (!). Ensaio sobre estética, *Belphegor* agradara-me inteiramente. Insurgindo se contra os artistas que uma sêde de sensações escraviza, mantendo-os num sensualismo que os envilece, ou a ânsia da novidade tortura, levando-os a wil-

descontentes que fazia o governo castelhano, crescia o número de sebastianistas, e que as primeiras reuniões dos conjurados para a revolução se convocaram como práticas sobre o sebastianismo». Depois disto, para quê mofar dum dos mais poderosos elementos propulsores da restauração da independência?

A terminar, Sardinha pode dizer: «*Século de prosa, — de análise, portanto, êle é, entre todos, o século da cultura portuguesa*». Por isso mesmo, maior deve ser o nosso empenho em reabilitá-lo aos olhos dos portugueses cultos.

Não quis a morte que António Sardinha, como prometera, desenvolvesse mais os seus estudos sobre o século XVII, tão caluniado e afinal tão grande. Mas que êsse século tem sido vítima do ódio sectário que feriu os jesuítas, provou-o Sardinha e provou-o Manuel Múrias.

Restam os cegos... Mas como abrir-lhes os olhos, se eles os fecham voluntariamente?

Leão RAMOS ASCENÇÃO

dismos sem finalidade, a bisantinismos sem inspiração, a futurismos sem beleza — Benda mostra-se neste livro bem próximo de nós, nas idéas que em arte professamos, coerentemente com o que em religião, moral e politica temos por verdadeiro.

Li agora *La trahison des clercs* e juntamente — *La fin de l'Eternel*. Benda appareceu-me ainda mais próximo de nós, que em *Belphegor*. Desta vez, é contra os intellectuais que Benda se insurge — contra os intellectuais que a acção atrai e a sua vida subordinam o seu pensamento, numa renúncia em que se verifica um triste sinal da crise a que a Revolução nos arrastou.

Resalvemos porém, Julien Benda não ataca aqueles que sendo simultaneamente intellectuais e homens de acção, à sua vida ajuntam o seu pensamento, numa união benéfica.

Julien Benda, longe de ser contra-revolucionário, como se podia imaginar pelo que fica dito, é republicano, republicano democrático — e um dos sustentáculos da III Republica Franceza. Ao serviço desta, defendendo-a, chega o seu ardor até sofismar. Disso o acusou por exemplo René de Planhol, a propósito das *Notes sur la reaction*. E' que Benda — ao contrário do que preconisa — subordina o pensador ao politico, quando o exigem os interesses da III Republica. No entanto, como difere da retórica empolada dos tribunos liberalistas do século passado a linguagem sóbria e justa em que êle fala, quando as paixões partidárias não o perturbam! Como difere da sua equilibrada e forte mentalidade a mentalidade demagógica do panfletário Raul Proença!

Tudo mudou, inegavelmente. Mudaram os homens. Mudaram as idéas. Mudaram as palavras. Hoje, até os republicanos democráticos mais intelligentes expõem doutrinas contra-revolucionárias! . . .

Quem bem pensar, com consciência e com clareza, é por nós, tem de ser forçosamente por nós — quer queira, quer não! Republicano democrático — e sustentáculo da III Republica — Julien Benda vai definir o individualismo. Como o vai definir? Como o definiram os enciclopedistas. com Rousseau à frente, do tambor-mór? Nada disso. Benda define o individualismo como: — *l'orgueil, en tant qu'il est la croyance de l'individu en son droit à la domination, le courage, la volonté d'accroissement, l'esprit d'agression, le mépris du droit d'autrui*. Assim, no individualismo se reúnem e ganham força todos os germens da guerra. A conclusão, pois, a que nos traz Benda, outra não pode ser senão que o individualismo é a guerra.

Está delinido o individualismo. E' a guerra, não o esqueçamos. Em que deve então consistir a missão da Inteligência, na maré alta do desenfreado individualismo dos tempos que correm? Na reacção, decerto, na reacção opondo um dique à anarquia, impondo a ordem — e com a ordem a paz. Benda continua conosco. O intellectual, segundo êle, é: — *celui qui proteste contre cette morale du réel (o individualismo) en honorant les valeurs idéales et desinteressées*.

Estas afirmações, que Henri Gouhier aproximou com felicidade num artigo recentemente publicado, são curiosas, significativas, elucidativas. Idêntica lição se tira da fórmula de Jacques Maritain — o primado do espiritual. *La trahison des clercs* e *La fin de l'Éternel* são apostrofes veementes aos que prosternados adoram os ídolos.

Primauté du Spirituel é o verbo condutor, num descerrar de mais amplos horisontes.

Expulsem-se primeiro os vendilhões do templo. Depois se pregará no templo a doutrina.

Primauté du Spirituel continua e completa *La fin de l'Éternel*. Por seu lado, *La fin de l'Éternel* continua e completa *La trahison des clercs*. Julien Benda põe o problema e anota-o. Maritain soluciona-o. Onde Benda se detem, Maritain apresenta-se-nos. Onde Benda se cala, Maritain afirma peremptoriamente.

Desaparecem as dúvidas que subsistiam — abraçadas nas nossas convicções como hera nas colunas. O pragmatismo gerou o amoralismo de que enferma Maurras. E Paul Archambault (2) tem neste ponto razão. *A Action Française* é de facto uma escola pagã, onde a alma não conta e as atenções unicamente só se demoram sôbre o exterior. Combater por todos os meios, é uma divisa que não nos serve. Deixemo-la aos *camelots du roi*, e que triunfem um dia! Quanto a nós, será pelos valores espirituais e morais — num apostolado constante — que nos prepararemos para dominar o temporal. *O génio da Nação fez a Monarquia; êle a restaurará primeiro nos espiritos e na vida social e, depois, atravez da acção nacional, na vida do Estado*. Porque — nós sabemos — só poderá haver ordem no temporal quando a houver primeiro nos espiritos. *D'abord, mes amis, il faut mettre de l'ordre en soi* — é uma frase conhecida de Georges Valois, frase admirável, que se não refuta, que se aceita e se cumpre, sem discutir.

Francisco de PAULA

(1) — Henri Massis in «Jugements — le cas de M. Julien Benda».

(2) — In. «Jeunes Maîtres — Henri Massis».

Um livro que todo o integralista deve lêr e divulgar :

L. de Poncins — Les Forces Secrètes de la Revolution (Fr. . M. . — Judaïsme) — Éditions Bonard — 140, Bd. St. — Germain - Paris

Pedidos a qualquer livraria ou à administração da «Politica» que o envia contra reembolso — Preço 20\$00.

Uma revista que todo o integralista deve assinar

La Revue Internationál des Societés Secrètes
8 Avenue Portalis — Paris — VIII

«LIÇÕES DE S.^{TO} TOMAZ» DO GOVÊRNO DOS POVOS

NESTA hora esplendida de ressurgimento em que as nações cansadas de sofrer, por mais de um século vítimas de ideologias falsas num gesto unanime preparam a realização de um acto de inteligência de renúncia à mentira revolucionária e de acatamento à verdade eterna do govêrno dos povos, de grande proveito será para nós, obreiros de tão grande empreza, escutarmos as lições de Santo Tomaz, o maior dentre os grandes filósofos da Igreja, príncipe do saber humano, cujos ensinamentos nos darão com a garantia da verdade que implicam, incitamento e consolação.

Foi no meditar de tal vantagem que folheei o «De Regimime Principum» (1), e tão grande foi em mim o entusiasmo despertado pela sua leitura que logo concebi a idéa de dar aos leitores da *Política*, um resumo fiel quanto possível, das boas idéas expostas nesse livro modelo de sciência e de lógica.

Tudo o que teve um fim necessita de um principio director — tal é o raciocínio simples, pelo qual no mundo da teoria o grande filósofo atingiu a suprema razão de ser da existência da autoridade.

Cada homem recebe da natureza o principio director da razão, dom divino que a tudo bastaria se o homem no mundo não fôsse alguma coisa mais do que um simples individuo. Mas porque o é e no plano da criação não cabe lugar ao homem isolado, mas sim ao homem social que vive com os seus semelhantes e neles condiciona a sua própria existência, a razão não é bastante, porque resolvendo o problema do individuo, não pode de forma alguma resolver o da sociedade

E porque a sociedade tem um fim muito diverso do fim de cada um dos individuos que a compõem, succede que é necessário buscar à sociedade um principio director. Esse principio director é a autoridade, é o govêrno. A sociedade não pode existir sem autoridade, porque como disse Salomão nos seus provérbios «onde não há govêrno, dispersa-se o povo».

Há — segundo Santo Tomaz — três formas diferentes de govêrno: República, que existe quando o poder é constituído por muitos individuos ou quando governa o exército; Aristocracia, o govêrno depoucos; Monarquia, govêrno de um só instituído por Deus segundo a palavra de Ezequiel (XXXVII, 24): «meu servo David será Rei sobre todos e todos o terão por único pastor».

Todos estes govêrnos são justos e bons enquanto condicionarem o bem comum mas desde que o não procurem serão injustos e maus.

Ainda que todos os 3 govêrnos possam ser bons e possam ser maus é sempre possível procurar o melhor, e o melhor será aquele que tenha mais razões para ser bom. Há portanto a investigar qual será o govêrno mais util á sociedade, se o de muitos, se o de poucos ou o de um só.

POLITICA

A primeira condição da existência do bem comum é a Paz, isto é, a harmonia entre os diversos elementos do corpo social. Portanto busquemos a Paz. A Paz, porém, é uma resultante da unidade e porque o que é uno tende mais à unidade do que aquilo que é composto o governo de um só é o que melhor pode realizar a Paz. A unidade não existe num governo de muitos, neste apenas pode existir a união que é uma aproximação da unidade, mas porque a unidade é necessária à consecução do bem comum — conclui Santo Tomaz — o governo monárquico é de todos o melhor. E isto é assim com o testemunho da natureza pela qual Deus colocou nas criaturas um único coração, nas almas o princípio director da razão e no Universo a sua vontade suprema.

Tal como na arte a perfeição consiste na maior semelhança com a natureza também o governo dos homens tanto mais perfeito será quanto mais se aproximar da ordem natural das coisas.

O melhor governo é portanto o de um só: «optima gubernatio est quæfit per unum».

Recordemos a queixa de Jeremias: «os pastores (porque eram) numerosos devastaram a minha vinha».

Tem contudo desvantagens o governo monárquico. Se o Rei não é bom e se é senhor absoluto do povo que governa pode surgir a tirania, regime injusto, porventura o mais injusto e funesto de quantos possam existir. Exactamente porque sendo bom é o melhor, sendo mau, o governo monárquico é o pior que existe: «optimi corruptio pessimi». No entanto segundo Santo Tomaz o perigo da tirania é ainda maior na aristocracia ou na República, do que propriamente na Monarquia. De facto pela menor responsabilidade em que se acha constituído é mais fácil faltar às exigências do bem comum qualquer dos membros dum governo colectivo aristocrático ou republicano do que um Rei que é o único a governar e que tem sobre si todos os interesses e tôdas as responsabilidades.

O governo colectivo de muitos ou de poucos vive em perpétua ameaça de discórdia e como a discórdia é boa mãe das guerras civis, depressa podem ser as nações levadas à tirania brutal do vencedor sobre os vencidos, consequência irremediável das soluções à mão armada. A história — diz Santo Tomaz — dá-me razão: mostra-nos os Reis em Roma cedendo o poder aos magistrados da República e estes abrindo caminho aos excessos monstruosos do absolutismo imperial.

Se o governo monárquico é o que menos probabilidades oferece de corrupção nada obsta, porém, a que o combinemos com medidas de equilibrio social que, tendentes a condicionar o governo do Rei sem contudo pôr entaves à sua autoridade, conjurem por completo a possibilidade e os perigos da tirania: Essas medidas — diz o Santo — consistem na adopção dum regime mixto das três fôrmas do governo que sob a autoridade do Rei dê lugar à nobreza e aos representantes do povo.

O bem comum que Santo Tomaz muitas vezes designa pelas expressões «bene vivere» e «vita secundum virtutem» é por êle mesmo definido, a

vida social segundo a virtude, segundo a sabedoria, a prudência e a justiça subordinadas à religião que conduz a Deus.

O melhor governo será conseqüentemente um governo de equilibrio em que tenham representação e sejam consideradas junto do Rei, as forças vivas da Nação devidamente organizadas e todos os princípios religiosos, morais e sociais que devem condicionar a vida da comunidade nacional.

O governo mixto que concilie com a autoridade do Rei, uma, forte, continua, interessada e responsável, o que de bom existe nos princípios aristocráticos e republicanos — tal é portanto o grande ideal político de Santo Tomaz.

.....
 Sete séculos correram já desde que Santo Tomaz pensou e escreveu as iluminadas páginas do «De Regimime Principum»: passou a idade-média, tempo belo de santos e de heróis, de monges e de cavaleiros, eterno poema de Fé, de Amor e de Virtude, e após ela surgiu uma outra idade, a moderna, menos feliz, iniciada em Constantinopla num dia triste com o triunfo do turco Solimão e desaparecida três séculos mais tarde sob dilúvios de sangue na data lominosa e mil vezes fatal de 89.

Grandes e fundamentais diferenças existem entre o viver dos homens do nosso século e o viver dos homens do século XVII. Somos contemporâneos duma época única de civilização em que o engenho e a sciência conseguem dia a dia novas maravilhas, mas para que mais uma vez possamos constatar o caracter eterno e imutável da verdade, reparemos na perfeita identidade em que se confundem as idéas politicas de Santo Tomaz e os princípios do Integralismo Lusitano. O Integralismo de acôrdo com Santo Tomaz na necessidade da existência do Rei e na consciéncia dos superiores motivos que aconselham o regime monárquico, apresenta-se também na sua tendência descentralizadora em perfeita harmonia com a doutrina do chamado sistema mixto. De facto que outra coisa não é a Doutrina politica do Integralismo Lusitano senão uma sábia e bem estudada combinação das três formas de governo da classificação tomista?! As forças vivas da pação devidamente organisadas actuando no governo e impondo se nos destinos do Estado, que já foram realidade nos séculos felizes do periodo mediévo voltarão à vida na execução do plano integralista, realizando-se o pensamento de Santo Tomaz na organização das corporações da intelligéncia e do trabalho.

Santo Tomaz de Aquino e o Integralismo Lusitano estão portanto de acôrdo! E' comnosco regosijarmo-nos por esta prova extraordinária de verdade que assiste à nossa doutrina politica.

Demos Graças ao Deus Misericordioso, que inspirou a Santo Tomaz o formulá-la, e arreigemos convicções!

António Maria do AMARAL PYRRAIT

(1) Tratado de Política escrito por Santo Tomaz no ano de 1265, e dedicado ao Rei de Chypre Hugo III.

UNAMUNO

NÊSTE momento não nos interessa directamente em Unamuno nem o ensaísta, nem o poeta, nem o novelista. Não nos interessa directamente em Unamuno o filósofo. E muito menos nos interessa nêlo o homem — a quem até cães acorrentados metem mêdo...

No autor do *Sentimiento trágico de la vida* apenas nos interessa agora a influência que exerceu e exerce na geração nova da Espanha.

El ha iniciado la fecunda guerra civil de los espíritus, de la cual ha de surgir — acaso surja — una España nueva. Isto escreve António Machado. E' uma afirmação notável. Tiremos-lhe o que de executado contem — a fanfarrice dos adjectivos, e entusiasmo partidário, as esperanças em que todavia a sombra duma incerteza perpassa. E o que se conclue? Que foi o discutido professor de Salamanca quem lançou a geração nova da Espanha na tremenda anarquia mental em que hoje se debate...

Nós já o sabíamos. Mas gostámos de vêr o facto confirmado por um espanhol — e por um admirador de Unamuno. Entre nós e António Machado há profunda de semelhança nos critérios. No entanto, um ponto há em que estamos de acôrdo com António Machado: — em que foi Unamuno quem de facto iniciou a guerra civil. Não sofismamos. Não falseamos o sentido à afirmação de António Machado. Estamos de acôrdo com êle, em que foi Unamuno quem iniciou a guerra civil...

Obra de inegável nilismo, tal nos aparece pois a acção de Unamuno como mentor duma geração que subia ávida de certezas e à qual, insidiosamente, o velho professor envenenou, incutindo-lhe as dúvidas em que se ficára sempre, sem coragem para as combater. Obra de dissolução, ela contribuirá grandemente para que a Espanha continue dando à Europa por mais alguns anos o cómico espectáculo de cavalgada trôpega de D. Quichote, perseguida pelas misérias do Lazarilo...

A nossa época é de rectificação mental. E' de renovação.

As dúvidas, as hesitações, as atitudes dubias, foram património exclusivo duma geração que passou. Daquella geração que nos deixou por único património as paixões anti-católicas, a liberdade intellectual, a arte pela arte, o liberalismo — herança que regeitamos. Daquella geração que nos deixou ainda Unamuno — para amostra talvez. Geração que Léon Daudet justiceiramente estigmatiza, num livro conhecido. Geração que renegamos com Ernesto Psichari, porque contra o partido dos nossos pais nós seguimos o partido dos nossos avós.

A nossa época é uma época de fé. Uma época que ascende das

ruínas dispersas dum século criminoso, para as verdades eternas da Religião e para as necessidades imperiosas da Nação.

O deísmo vago dos que já não crêm em Deus, o cristianismo tolstoiano dos que não sabem ser cristãos, o universalismo dos que traem a sua Pátria em nome da humanidade, sacrificando pais e irmãos — tais foram algumas das principais epidemias que a nossa época veio debelar, tais são os males de que enferma Unamuno. O Catolicismo e o Nacionalismo — tais são as duas forças que dominam os tempos que correm e a geração a que pertencemos.

Entre Unamuno e nós, há a diferença entre o que morre e o que vive...

Colocando-se ao lado de Unamuno, a mocidade espanhola deu pois um triste espectáculo de senilidade precoce. Não o queríamos para nós.

Ao passo que na Itália as juventudes fascistas só pensam na pátria redimida, na terra que resgataram à custa do seu próprio sangue; ao passo que na França os mestres contra-revolucionários são os mais escutados pela gente moça; ao passo que na Alemanha, em Portugal, na Bélgica, na Suíça e na Hungria, o renascimento paralelo do Catolicismo e do Nacionalismo dia a dia se acentua, na Espanha por culpa de Unamuno e dos seus acólitos, toca-se imperitavelmente, com uma seriedade que dá vontade de rir, a estafada ária da *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*...

Os estudantes espanhóis, esquecendo-se do século em que vivemos, preferem o abstracto ao concreto — quando a característica dominante dos nossos tempos é aquela viva predilecção pelas realidades de que fala Henri Massis. Dizem-se republicanos, querem uma democracia para a Espanha — quando por toda a parte as democracias abrem falência. Escultores do futuro, faltam abertamente à sua missão e entre a tradição e o progresso — fenomenos inseparáveis — pretendem o inverosímil, negando a tradição mas exalçando o progresso, impossível sem o concurso desta. A utopia está na base dos principios que adotam. São ilógicos nas conclusões que destes tiram. Assim, a perseverar no caminho que segue, ha-de vir a ter um lindo enterro a desorientada mocidade espanhola. E será mesmo Unamuno quem lhe cantará os responsos...

Porque Unamuno — é António Machado quem o afirma — *no será nunca un jefe de partido o partida, o un caudillo de masas*. Mete os outros á bulha...

E afasta-se, prudentemente! Mas logo que a desordem acalma, Unamuno recomêça a lançar aos quatro ventos a semente que não deixará decerto de frutificar. Um dia, porém, exgotada a gleba, a semente não frutificará mais. Então a Espanha ingressará na Europa, que a Inteligência Latina dirigirá, em proveito da civilização. A barbarie recuará para além da curva dos horisontes europeus. Dos frutos malsãos que da sementeira de Unamuno têm resultado, nada

ficará. A degradante escravidão dos mitos terminará. Com Unamuno, descerão também ao tumulto Keyserling, Romain Rolland, os jovens pseudo-intelectuais judeus que fizeram da Rússia um feudo da Asia. A's ideologias falsas virá pôr termo a ordem pela autoridade. O Espirito reinará. A escolástica orientará soberanamente os que no labirinto das filosofias modernas ora andam perdidas. E contra a maré não se rema, convençam-se disso os espanhóis. E' inutil. Mais tarde ou mais cedo, *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* — serão colunas partidas, á volta das quais jámais acorrerão os cortejos lamentáveis dos pobres de entendimento.

DUTRA FARIA

«Numa sessão do Congresso, um deputado contou um facto típico, característico, que merece referir-se e de cuja autencidade poderíamos duvidar se não se houvesse aduzido provas irrefutáveis. «Eu — disse o deputado — há uns meses tive ocasião de recordar o caso ocorrido em Roma quando se intentava frustrar o nobre apelo á lealdade dos professores da Italia, apelo assinado por João Gentile que incitava os professores das escolas italianas a que perguntassem à sua própria consciência se elles se julgavam dignos e capazes de ministrar o ensino religioso aos filhos das famílias católicas. Publicou-se uma circular dum Club secreto com sede em Roma, em que se exortavam os professores mações a que se apresentassem ao cura ou ao bispo, frequentassem o curso de Religião instituído pelas autoridades eclesiásticas, para depois nas suas escolas, ensinarem *maçonicamente* (fórmula textual) o catecismo católico.»

(Tradução dum folheto de propaganda fascista)

«O fenómeno mas típico da ilícita ingerência maçónica era o facto de officiaes e outros militares de menor graduação pertencerem ao mesmo tempo à maçonaria e ao exército, que deve ser escola de lealdade e coragem. Graves inconvenientes êste estado de coisas trazia consigo. Foi possível verificar-se por exemplo que o chefe duma determinada Repartição Militar se encontrava na gerarquia maçónica subordinado a um official de posto inferior, em prejuizo da disciplina.»

(Tradução dum folheto de propaganda fascista)

nota politica internacional

A aspiração da paz é tão velha como o Mundo! E' filha do que há de mais forte no coração humano, do que nele há de bom e do que nele há de mau, do amor do próximo e do amor de si mesmo, da sua previdência e da sua preguiça, do perdão e do medo.

Já não é de hoje nem de hontem, que os homens se procuram, que os homens se juntam em solenes amficionias. Que do norte e do sul, das bandas do oriente e daquelas em que o sol se esconde as gentes enviam os seus proceres em cerradas teorias.

Mas como Deus está desterrado de seus conselhos e o Verbo esquecido dos Homens, juntam-se, disputam, barufastam, abespnham-se. E quanto mais se conhecem mais se odeiam, mais se desprezam, mais se agri-dem. E sempre ganham seus paizes com um pouco mais de inveja e de cubiça da terra e da fazenda do vizinho.

Reboa rija de tom e azeda de palavras, polémica bravíssima e descabelada entre a imprensa franceza e a de além dos Alpes. Teve este renovo de discussão, origem numa dessas assembléas, que, de há tempos a esta parte, se vêm multiplicando — em que se trata de guerras e que chamam de Paz

A culpada, no caso presente foi a conferência de Londres, chamada dos Cinco, reunida a convite do sr. Macdonald com assistência de delegados dos Estados Unidos, Japão, França e Italia. O assunto era a fixação dos máximos de tonelagem com descriminação por categorias — a tonelagem global dos navios de alto bordo (capital ships) foi há anos arbitrada em Washington — das marinhas de guerra das potências convocadas e da daquella que da assembléa tomara a iniciativa.

Na Conferência dos Cinco o anfitrião só se preocupou com dois dos convidados — Estados Unidos e Japão — que a outra pa-

relha era de vizinhos de somenos valia, chamados por honra da firma a meter seu bedelho na questão, com a condição de estarem por tudo, isto é, de ouvirem e calarem, sob pena de os porem na rua, se acaso se não portassem bem.

Logo de entrada o Sr. Stumson, primeiro delegado americano, reclamou — e já não era mistério que o faria — a paridade com a Grã Bretanha. Pronto acedeu o Almirantado inglez pela bôca de Ramsay Macdonald, tendo para si que a posse de Gibraltar, Malta, Port-Said, Aden, Singapura e sobretudo Jamaica ás portas de Panamá asseguravam de sobejo á armada imperial, em face da americana — mesmo igual em tonelagem e artilhamento — esmagadora superioridade.

Sanada a questão dos submarinos — considerados como meio de combate imoral e indigno — pela desistência das potencias partidárias da abolição, Inglaterra e América, surgiu da parte da Itália justificadíssima pretensão de paridade em relação à França, pretensão de que resultou a saída de ambas da Conferencia. Alegava a Itália a sua quasi insularidade, a sua carência absoluta de materias primas e seu considerável *déficit* em provisões de bôca.

O Governo francez, sempre tão solícito em atender exigencias d'alem Reno, recusou terminantemente encetar, sequer, negociações neste sentido. E' que há entre o d'Orsay Guay e a rua Calet — e a politica externa franceza ressentem-se immenso do facto — intima conexão. Concluíram por fim accordo isolado as trez principais potencias, ficando de fora as duas potencias europeias continentais.

E agora ai estão os periodicos de ambas as nações, os francezes com o «Temps» à frente, os italianos com o «Populo di Roma» o «Tercre» e o «Giornale d'Italia» descompondo-se com fúria, acusando mutuamente o outro parceiro de causa da desfeita, trovejando contra ele, em chorrilho indignado, todos os anátemas do lexicon respectivo.

E' de pasmar a teimosia e não menos de pasmar o exito com que Marte saca de innocentes ágapes no templo de Jano, ensejo seguro de balburdia certa.

António de SOUZA REGO

politica académica

Uma obra notável

A obra que a Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa vem realizando merece ser olhada com a maior atenção e auxiliada com o maior carinho.

Para nós que estamos habituados a prestar justiça ao valor, onde quer que elle se encontre, é com tanta mais alegria e imparcialidade que lhe damos o nosso inteiro aplauso, quanto é certo que à frente da Associação dos Estudantes de Medicina se encontram adversários políticos nossos.

São já quatro os folhetos de profilaxia social editados pela referida Associação e distribuidas gratuitamente e profusamente.

I — «Cuidai das crianças pela alimentação e pela hygiene»

II — «Contra a sífilis»

III — «Contra a tuberculose»

IV — «Contra o cancro».

Além disto estão os estudantes de medicina promovendo uma série de conferencias com o mesmo levantado objectivo de que já se realizou a primeira série de conferencia nas salas de a «Voz do Operário» sob o tema «Os males da Tuberculose» tendo sido conferente o distinto tisiólogo Sr. Dr. Cassiano Neves.

Para esta obra de altíssimo valor chamamos a atenção de todas as pessoas beneméritas, já que nos não é dado invocar para ella a protecção do Governo da República.

A Paes do Amaral, a França Martins a Manuel Leitão, e a Mascarenhas e Mesquita nossos adversários políticos, a Barahona Fernandes, e a Pereira de Lacerda, o nosso abraço de gratidão e incitamento e o nosso aplauso sincero que tornamos extensivo a todos os que os tem auxiliado na sua patriótica tarefa.

Federação Académica de Lisboa

Como contrasta singularmente com a nobre e patriótica actividade da Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa, a mesquinha e reles actividade... politica da Federação Académica.

Tomada de assalto por um grupo de mentalidades retrogradadas, escravas do *obscurantismo democrático*, a Federação Académica de Lisboa não representa hoje a mentalidade dos estudantes da capital.

Inçada de parlamentarismo por vicio de constituição, se ainda até hoje a Federação Académica se não impoz pela sua obra, não há dúvida que por ela passaram nomes cujo prestigio pessoal ainda não passou.

Nunca as suas sessões marcaram pelas realizações, mas chegaram a marcar pela vivacidade, correção e levantado das discussões e das ideias.

Nem todos os delegados eram oradores mas muitos como tal se revelaram com brilho.

Pelo menos eram assembleias que não envergonhavam a Academia como as de hoje, que são vazias de oratoria, vazias de ideias, vazias de mentalidade.

Nunca desceu tanto o nivel mental da Federação. Toda a sua actividade deste ano se resume em ultima análise num telegrama de saudação a Miguel Unamuno, telegrama enviado em nome dos estudantes da capital.

Nada mais é necessário do que este verdadeiro abuso de confiança para dar a nota de quanto a Federação saiu fóra da sua órbita com prejuizo dos verdadeiros interesses que lhes estão confiados.

Quando se resolverem os estudantes de Lisboa a, pondo de parte partidarisimos, olharem com atenção pelo organismo que, representando-nos a todos, só pôde representar o que nós une como *estudantes* e não o que nos divide como *cidadãos*?

de arte

Teatro

Exposições

A 27.^a exposição da S. N. D. A. — Mais um triunfo para os novos, mais uma derrota para os outros. Enquanto aqueles sobem, marcam, se impõem, estes descem, apagam-se, somem-se. E' natural. E' lógico. Um século capitula, outro século caminha de conquistas em conquistas. Não hesita, não se detem. Dêem logar!

A revolução da ordem — de que fala Maritain — vem aí. .

Já a arte se desmercantiliza, se liberta, ganha foros de nobreza. A arte dos novos. O modernismo. Lino António dá-nos *Pescadores* — uma tela que é um pedaço de vida posta em beleza, com pescadores que lembram os homens dos Paineis e Portugal alacre, colorido, em tudo aquilo. . .

Varela Aldemira dá-nos *Nostalgia* — sinfonia da tristeza e da saudade, milagre da côr, com veludos como nos quadros dos Venezianos, admiráveis de perfeição. Dórdio Gomes dá-nos *Eguas de manada* — estilização poderosa. Abel Manta dá-nos também trabalhos curiosos. E Tagarro um curioso auto-retrato — traço maravilhoso.

Isto em pintura a óleo. Em escultura, como em pastel — banalidade. . .

Ainda em pintura, porém em sector diferente daquele de que tratámos, destaca-se Simão da Veiga — pintor forte, pintor da zeziria agitada e soalheira, na *Recarga*, retratista duma aristocrática *nonchalance*, com resabios de decadentismo. . .

E agora, para terminar, vamos ao que não gostámos — mas ao que não gostámos mesmo nada, ao que achamos péssimo, horrível.

Comecemos pelo sr. Bonifácio Lazaro — até no nome é infeliz! — a cujo *Prometeu* o abutre por engano devorou os braços em vez de roer o fígado. Assim sem braços, o *Prometeu* — coitadinho! — lembrou-nos um mutilado da Guerra a pedir esmola. . .

Segue-se o sr. Eduardo Malta, com um cavalo de pau. E ainda por cima lhe chama

«*Degredados*», de Virginia Vitorino, no *Nacional* — Não se pode dizer que a peça de Virginia Vitorino seja uma *trouvailla*. Longe disso. E' uma peça vulgar. Uma peça banal. Para ser teatro colonial; falta-lhe talvez ambiente. No entanto, merece a nossa simpatia, o nosso aplauso. E' uma peça patriótica. E' sobretudo uma peça oportuna. Neste momento em que Angola recorda ainda a noite trágica do assassinato de Moraes Sarmento, executado à traição pelos aventureiros, e sombrias ambições se abatem como bando de agoirentas aves, sobre as terras ferteis da nossa Africa — a peça de Virginia Vitorino é sobretudo uma peça oportuna.

A figura do colonial saído do povo, que luta pela pátria distante contra aqueles que dela receberam a missão de a defender — é uma figura feliz, uma figura bem portuguesa, nimbada duma nobreza antiga.

A figura do missionário comove. E as restantes, têm todas um mérito ao menos — o de não serem artificiais, o de viverem de facto, intensamente, umas na maldade que as degrada, outras na dôr e no arrependimento que as elevam.

Para ser teatro colonial é insuficiente, concordamos. E' porém já qualquer coisa — qualquer coisa que nos dá o direito de ficarmos esperando de Virginia Vitorino uma obra superior. Uma obra mais segura, mais forte, mas do mesmo género, que contribua nesta hora de angústia para nos levantar da «*apagada e vil tristeza*» em que vamos consumindo os dias, inutilmente, quando á nossa volta se amontoam nuvens em preságios de desgraça.

D. F.

puro-sangue. Era caso para os puro-sangues protestarem indignadamente!

E por aqui nos ficamos, sob pena de escrevermos matéria para dez grossos volumes. Houve tanta coisinha — tanta! — que achámos indigna de figurar numa exposição! . . .

D. F.

de letras

«O homem que matou o diabo», de Aquilino Ribeiro — Escrever é servir, è cumprir uma missão. A palavra escrita è pois em si apenas um meio — nunca um fim. Veículo da verdade, da verdade depende. Veículo da mentira, da mentira igualmente depende. Não tem independência. Não tem vida própria. Vale pelo que diz, não pelo que è — pelo fim que por ela se pretende alcançar, não pelo que nela intrinsecamente se contem.

A forma realça as idéas. Mas sem as idéas, a forma não existe, a forma torna-se malabarismo de vocábulos raras, torna-se jogo de frases paradoxais, torna-se verbalismo que desgosta e aborrece. . .

Escrever bem è bem pensar. Que nos importa a elegância e o ritmo admirável duma página de Gide, se Gide è um apóstolo do mal? Que nos importa o brilho das imagens, o desfilhar harmonioso dos períodos, se Gide — *l'immoraliste*? Doirados por fora, podridões por dentro — como nas preciosas talhas *rocaille* onde tudo è madeira, madeira que não resiste ao tempo, madeira que o tempo corroe, que tempo desfaz, que o tempo transforma em poeira inutil. Decididamente, preferimos antes a rudeza do romântico, em que na pedra rija se trabalha — e o Espírito milagrosamente transfigura os esculpidos tóscos, insufflando-lhes uma alma que falta aos rendilhados galantes do seculo XVIII.

Vem estas considerações a propósito dum livro de Aquilino Ribeiro. Nós admiramos em Aquilino a sua prosa forte e rica, a sua prosa colorida e viva, saudável, cheia de sol. Nós reconhecemos em Aquilino o estilista impecável do *Jardim das tormentas*, da *Estrada de Sant'Iago*, das *Filhas da Babilónia*. Nós gostámos das *Terras do demo*. Todavia, ao terminar a leitura do *Homem*

que matou o diabo, não pudemos deixar de mandar ao diabo o livro execrando e em busca do *Ultimo olhar de Jesus* nos fomos à estante, para o relermos. Talvez numa réplica ao esculor que Antero de Figueiredo romanceou, Aquilino Ribeiro dá-nos outro esculor. Ao passo porém que o esculor do Antero anciosamente procura Deus, o de Aquilino corre como um louco atraz das piores paixões. Ao passo que no *ascetismo* duro da sua arte um se eleva até Aquele que procura, o outro robaixa se, degreda-se, desce ate ao roubo, até à simonia. Macário — o esculor lamentável de quem Aquilino nos conta as lamentáveis aventuras — nem ao menos tem a religião da beleza. . .

È um gatuno. È um *souteneur*. Um miserável em resumo. E sabem de quem è a culpa? Aquilino explica. *A culpa è da educação religiosa que Macário recebeu num convento de franciscanos!* . .

Depois da *Via Sinuosa* — espécie de auto-biografia, em que se fala dum esperançoso rapazinho que começa por praticar inocentemente toda a casta de patifarias — depois do *Andam faunos pelos bosques* — sinfonia pagã, em que os sátiros são postos nas nuvens e os padres pelas ruas da amargura — o *Homem que matou o diabo!*

Com franqueza, sr. Aquilino Ribeiro, assim não presta! Pena de ouro, mentalidade de colaborador do Povo. . .

Ora, sr. Aquilino, quer um conselho. um bom conselho um conselho do amigo? Faça tambem por matar o diabo, mas não com as armas de que o Macário se utilizou. Não, para matar o diabo não è preciso andar a roubar quadros das igrejas nem viver em Paris à custa duma actriz. Basta criarmos uma cultura, estudar, escolher bons autores. Faça isso. Faça tambem por matar o diabo. . .

E até à vista

Francisco de PAULA

ao ritmo da Ampulheta

GAZETILHA

*Alem, naquela casinha,
quasi nua e destelhada,
Choram quatro criancinhas
para ingressar na Arcada.*

*Estas quatro criancinhas
dotadas de bom critério
Estão à espera que um dia
possam formar ministério.*

*Mas podem estar seguras
que o dia não voltará
E a que ainda chorar
nunca mais se calará.*

*Elas ainda suspiram
como o Antonio Maria,
Ao Domingues e ao Camacho
nem lhes vale a ousadia...*

*Pensam, discutem berrando
como bois dentro dum curro!
Não se lembram os cavalheiros
que a pensar morreu um burro!*

V. Gonçalves

MONTALVO E BERENGUER

Escreve a «Liberdade» que o entusiasmo republicano de Espanha é qualquer coisa de dominador e consolador, de transbordante e esufiante.

Os expoentes máximos das novas ideologias, o *incomensuravel* Unamuno e o *inconcusso* Lerroux percorrem a Espanha de lés a lés deixando atraz de si, em rasto luminoso, ardendo em amor à Democracia o coração dos homens.

O rio caudaloso da Aliança Republicana, engrossando subitamente qual corrente furiosa, quando na montanha o sol funde as neves hibernais, cresce, rugo e ameaça.

Em Madrid, em Barcelona, em Bilbao, em Sevilha, em Cadiz e em Cordova, fundam-se novos organismos, novos jornais, fazem-se conferencias, comícios, paradas de força.

Terra nenhuma, porém — continua a «Liberdade» — e isto é estupor dos simples — terra nenhuma sobreleva em ardor cívico, em consciência liberal e devoção democrática e ainda em arreganho e altivez para com os governantes — a Montalvo, grande urbe, imensa metropole que certamente por desamor ao seu cívismo a negra reacção prescreveu do mapa de Espanha.

E termina a «Liberdade».
«O govôrno Berenguer verificando a onda que avança, condescende».

Pois é, têm razão, carradas de razão o sr. Virgílio e os amigalhões do sr. Virgílio. Aquilo está por pouco! O General Berenguer condescende! Mas quer-nos parecer que não conhecem a determinante immediata da condescendencia do general!

O golpe de misericórdia em seu ânimo abalado!?

Foi que lhe vieram dizer, subitamente, de chofre, sem consideração para com a sua muita idade e possível lesão cardíaca, que Montalvo aderira à Republica e — nesta altura Berenguer desmaiou — que Filporetas del Fresno lhe seguira — Horror! — e exemplo.

GAZETILHA

*Assim á lóa,
por essa rua
O Bana anda,
anda na lua.*

*Na sucursal
rua da Hera
O Bana anseia
a primavera*

*Mas não se lembra
que não floresce,
Na primavera
Verde aparece.*

*E como a Hera
Não dá sementes
Dá Deus nozes
a quem tem dentes*

V. Gonçalves

a o r i t m o d a

BOCADINHOS DE OIRO

Do ultimo número da *Liberdade* transcrevemos alguns bons bocadinhos de prosa que não ficariam mal numa antologia .. da asneira.

Escreve um tal Napier, que concerteza não é o almirante, mas sim um animalajo qualquer do Sardoal que zoológicamente pertence à grande familia de mamíferos republicanos prehistóricos: «*Liberdade* não é apenas um vigoroso jornal republicano de brilhante colaboração (*oh Bana, como brithas!*) e inteligentemente conduzido pela deflagração ideológica do moço democrata Virgilio Marinha do Campos.» Deflagração! O sr. Vergilio deflagra! O sr. Vergilio é explosivo! E de cada vez que o sr. Virgilio explode, temos artigo no prelo, artigo que atroa os ares. Porque os artigos do sr. Virgilio são retumbantes. Querem vêr? É uma frazesinha só, para amostra. Escutem:

«A India luta pela democratização da India; a China pela liberdade da China» Que eloquência! Que nobreza de expressão! A não ser que seja alguma gralha o que lá estivesse:

A India luta pela liberdade da China; a China pela democratização da India. Seria ainda mais eloquente, mais original mais retumbante!

Mas o melhor, mas o bonito, mas o delicioso, o impagável, é o sr. Edmundo de Oliveira *ilustre republicano e conhecido jornalista, cuja colaboração é pelo sr. Virgilio considerada valiosa*. Escreve o conhecido republicano e ilustre jornalista:—«Na Grecia — a Fragilidade das monarquias, mesmo multi-seculares, mesmo de *direito divino!* bastou uma attitude suspeita do rei durante a Grande Guerra, para que o regime monárquico fosse declarado incompatível com a nação.. Monarquia multi-secular na Grécia.

Sr. Edmundo! Não se meta em cavalarias altas, homenzinho! Só discorra daquilo que sabe. E' conselho de amigo e não lhe levamos nada por êle. A monarquia grega — qualquer Larousse lho diz — não foi nem sequer secular, quanto mais multi-secular, por uma razão muito simples, mas razão capital. A Grécia esteve desde o século

XV dominada pelos turcos e só em 1830 se constituiu em estado independente, e até por sinal, em república. Em república, sr. Oliveira! Em república. E só depois de terem ensaiado um sistema democrático em que os helenos se viram gregos é que êstes implantaram a Monarquia, uma Monarquia constitucional, liberal, que não tinha nada de direito divino. Qual direito divino! Sr. Edmundo! Qual carapuça! Parece impossível sr. Oliveira! Um jornalista! Um republicano ilustre.

BEMAVENTURADOS OS POBRES DE ESPIRITO

Os estudantes algarvios fundaram um jornal de cultura, a que chamaram "Mocidade.. Está claro que logo de entrada os rapasinhos dão mostras duma ineultura rara. São assim uma espécie de êmulos dos colaboradores da folheca do sr. Virgilio. Cá, o rei da asneira é o celeberrimo Bana; lá é o Romeu, um Romeu que ninguém conhece. Ao que os Romeus chegaram!

Se fôsse um bana-na não nos admirava. Mas um romeu — um romeu sem Julieta, um romeu republicano! Ao que tudo isto chegon!

Diz o Romeu que é preciso tirar do magistério aqueles que se servem da sua posição para fazer propaganda das suas idéas reacionárias. Pois é! Pois está claro! *Jazuitas* é que não! O diabo é que os professores jacobinos mal sabem lêr, o que não admira! Jacobinismo é sinónimo de estupidez, assim como maçonismo é sinónimo de esperteza saloia, daquela esperteza própria dos labregos que nas feiras são capazes de impingir um burro por um cavallo. São capazes até de impingir o Romeu...

ESTILO CUIDADO

Transcrevemos da «*Liberdade*» o final dum artigo do Ex.^{mo} sr. Presidente da Federação Académica da Universidade de Lisboa:

«Gandhi, enfrentando a possibilidade da

A m p u l h e t a

democratização, oferece-nos o espectaculo inerivel dum homem afeito ao ressurgimento da idéa livre que ambiciona vasar nos moldes dum enorme fanatismo».

Percebem? Pois é assim mesmo! Lembra-nos um discurso, que ouviamos contar em pequenos, dum asno qualquer com prosapias de bem falante, que acabava assim:

«Sape gato infalivelmente! Nunca vi homem mais exterior!»

OH ANGELO, NÃO

TE CONSTIPES

Mais um cometa que reaparece no firmamento. E na serenidade sem par destas noites lindas de primavera, o brilho do cometa sobreleva-se ao do próprio sol. O sól, o astro rei, já sabem quem é? E' o Bana, o nosso Bana, o velho Bana. Pois o cometa é o sr. Angelo, o sr. Angelo Vaz, que colabora também na «Liberdade», na «Liberdade» do sr. Virgilio, naquella «Liberdade» muito mal escripta que sai aos sabados, de *taxi*, pelas ruas da cidade. . .

O sr. Angelo é bestial. O integralismo — com os ataques do Raul Fagocito Proença — já estava meio abalado. Pois agora — ante a investida do sr. Angelo — só lhe resta morrer. Porque o sr. Angelo não está com meias medidas. Atira-nos com cada adjectivo que é mesmo de render a alma ao Criador. Ele chama-nos estultos, grotescos, cumbusteiros, mil coisas, enfim. Até parece uma varina a quem não quizeram comprar o peixe. . .

Mas o pior, é depois, quando diz que estamos tomados duma furia odienta e cega contra o parlamentarismo. Oh filho, não é tanto assim! O parlamento com o cavalheiro outra vez lá dentro era um gozo. . .

Imaginem o sr. Angelo a proclamar em S. Bento: — «A onda democrática tudo alaga e subverte». Seria um successo.

Mas por enquanto, oh Angelo, não te alagues, que te constipas!

ABOA, OH BANA!

O Bana sente-se avião. O Bana sente um

motor nos intestinos. O Bana quer voar. O Bana vai bater as asinhas de passarito implume. Ora oiçam o que diz o Bana: — «A obra iniciada em 5 de Outubro prestigiou o país e dignificou a bandeira verde-rubra. E, longe de ter sido um fim, ella é, antes, um começo: o ensaio doloroso, mas necessário, para mais altos vôos!»

Não há dúvida, oh Bana! Abôa, oh Bana, abôa! Abôa alto! Mais alto do que a lua! Mais alto do que o sol! E então, será modificado o ditado popular e toda a gente passará a dizer: — Vozes de burro chegaram ao céu.

Sim, porque o Bana nunca se cala. . .

CONFERENCIAS

No Gremio Tradicionalista Português, realison no dia 10 uma conferencia o nosso querido camarada e particular amigo Francisco Galvão, subordinada ao titulo «A Igreja e a Politica». Esta conferencia que foi promovida pela Junta Escolar de Lisboa do I. L. será brevemente posta à venda. Daremos então mais ampla noticia.

Por agora limitamo-nos a felicitar calorosamente o amigo e camarada — companheiro fiel de trabalho e de lutas. A Francisco Galvão, não obstante a sua pouca idade — que é afinal a pouca idade de todos nós — pode-se já applicar pela sua cultura, pela actividade do seu espirito e pela segurança da sua orientação, aquella designação de *asceta intellectual* de que nos fala Henrique Massis — designação que exprime todo o drama duma geração a que se impõe a dura missão de restaurar e reabilitar a Inteligencia.

AGRADECENDO

A' *Brotéria* agradecemos a transcrição de parte do artigo de José Agostinho, publicado no nosso número 10 sob o titulo «O estilo de António Sardinha».

Ao *Noticias da Covilhã* agradecemos tambem as elogiosas referencias que fez ao nosso número 10.

Integralismo Lusitano

BOLETIM OFICIOSO

LISBOA

Junta Provincial da Estremadura

(Constituição provisória)

Foi aprovada pela Junta Central a seguinte constituição provisória da J. P. E.:

Presidente — Dr. Chaves d'Almeida, advogado e jornalista.

Secretario — Luiz Chaves, professor, antigo official do exército.

Tesoureiro — Engenheiro Higinio de Queiroz e Melo.

Vogais — Dr. Mota Cabral, médico — Dr. Sarmento Brandão, advogado, como Presidente da J. M. L.

COIMBRA

Respondendo ao convite que a Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, dirigiu a esta Junta de Coimbra, foi resolvido confiar ao nosso amigo e camarada José Maria Miranda da Rocha, o cargo de redactor representante da Junta da Revista *Politica*, confiados em que a boa vontade, intelligencia e dedicação deste nosso camarada, são garantia do bom desempenho da missão que lhe confiamos.

A Junta Escolar de Coimbra

PORTO

Quadros da Junta Escolar

Em reunião desta Junta foram aprovadas novas adesões e a constituição do Nucleo do Liceu Rodrigues de Freitas.

Novas adesões

Filipe Pereira (F. E. U. P.), Antonio Fortunato de Matos Cabral (E. B. A.) e Pedro Dêcio P. Amorim da Costa (F. M. U. P.)

Nucleo do Liceu Rodrigues de Freitas

Presidente — Arnaldo Alegro de Magalhães

V. Presidente — Fernando Ferrão Pinto Moreira.

Vogais — Carlos Pereira de Melo, Abilio Sousa Marques, Mario de Oliveira, Mario de Oliveira Brito e Antonio José Salta.

Comunicações

Comunicamos a todos os nossos camaradas e amigos que a revista «Politica», órgão da Junta Escolar de Lisboa, passou a ser tambem, desde o seu n.º 11 órgão de esta junta.

A Junta Escolar do Porto

CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos
Partos — Sifilis

CONSULTAS

Largo José Fontana, 12-2.º (às 16 horas)

DR. MARIO CARDIA

Médico dos Hospitais

Doenças das senhoras.
Partos. Cirurgia

Tratamentos pelo rádio e electricidade
AVENIDA DOS ALIADOS, 41, 1.º — PORTO
— TELEFONE 4907 —

MIRA DA SILVA

MÉDICO

Avénida Almirante Reis, 57-A, 1.º
— LISBOA —

DR. COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos
CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33 — Tel. C. 2631

A's 14 Horas

DAFUNDO: R. Paulo Duque
A's 17,30 H.

Não há CAFÉ como o de

A
P
A
U
L
I
S
T
A
N
A

A' venda no

Largo de S. Domingos, 12 e na
Av. Fontes Pereira de Melo, 52-52 B
(A abrir brevemente)

AFONSO LUCAS

ADVOGADO

Rua Arco do Bandeira, 70, 2.º

TELEFONE C. 642

— LISBOA —

Martinho Nobre de Melo

ADVOGADO

Rua de Santa Justa, 82, 2.º

Telefone Norte 4952

— LISBOA —

A. Nunes e Silva

Advogado

TELEFONE CENTRAL 642

Rua Arco Bandeira, 70, 2.º

— LISBOA —

Dr. Amaral Pyrrait

MÉDICO

Consultorio — Rua Anchieta

— LISBOA —

Arthur de Campos Figueira

Advogado

Rua Nova do Almada, 54, 2.º

TELEFONE CENTRAL 3024

Lisboa

Antonio J. Freire

Clinica Médica-Psicoterapia

Consultorio: Rua de St.ª Justa, 6, 1.º

As 2.ªs 4.ªs e 6.ªs — Das 15 às 18 h.

TELEFONE TRINDADE 3584

Residência: R. da Junqueira, 279, 1.º

TELEFONE BELEM 497 — LISBOA

Ferreira Cardoso

Advogado

RUA GARRET, 95, 3.º — TELEFONE T. 11

— LISBOA —

José Guilherme Ayala Montelero

Advogado

Rua dos Douradores, 72, 3.º D.

TELEFONE C. 959

